

Humanidades Médicas: Discursos do corpo e dos afetos

Este número da *Intersemiose* – Revista Digital inclui uma série de ensaios escritos como resultado de disciplinas por mim ministradas no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco em 2014 e 2015, com temáticas voltadas para o enfoque das Humanidades Médicas, em particular o estudo da representação do corpo e dos afetos na literatura. Estas atividades foram levadas a cabo no âmbito das propostas previstas pelo projeto intitulado *Literatura e Medicina: encontros, percursos, revelações*, apoiado com Bolsa de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq em 2013.

Sabemos que, na atualidade, os cursos de medicina cada vez mais reconhecem a necessidade de adoção de novas práticas pedagógicas, que invistam na chamada “competência narrativa” do profissional de saúde; entendendo-se o termo, segundo a médica e crítica literária Rita Charon – pioneira na área –, como um conjunto de habilidades referidas para levar o sujeito a reconhecer, absorver, interpretar e se mobilizar com as histórias e situações de outras pessoas. Esta competência requer uma combinação de habilidades *textuais*, como identificar estruturas narrativas, adotar perspectivas múltiplas, reconhecer metáforas e insinuações; *criativas*, como imaginar interpretações diversas para um relato, desenvolver a curiosidade e a empatia pelo outro; e *afetivas*, como a capacidade de ouvir e acompanhar o que é relatado, e a flexibilidade para tolerar incertezas no desenrolar da história e adotar pontos de vista diferentes do seu.

Diversos profissionais atuantes na área médica e artística têm mobilizado esforços para ultrapassar aquilo que o médico e escritor Moacyr Scliar chamava de “o abismo entre

duas culturas” – problema que teria sido identificado, segundo ele, pelo físico e escritor Charles Percy Snow, numa conferência de 1959, quando afirmou que: “Intelectuais e literatos ficam de um lado, cientistas de outro. Entre os dois lados, um abismo de mútua incompreensão e às vezes até de hostilidade. Cada lado tem uma imagem distorcida do outro. Os não cientistas tendem a pensar nos cientistas como arrogantes, otimistas ingênuos, ignorantes da condição humana. Os cientistas acham que escritores e intelectuais não têm nenhuma visão do futuro, que não estão preocupados com os seres humanos e que restringem arte e pensamento apenas a um momento existencial.” Em suas inúmeras entrevistas, Scliar voltava a esse ponto insistentemente, enfatizando as consequências desta situação em sua própria prática. Cito um exemplo:

Quando comecei a trabalhar em saúde pública, meu primeiro consultório foi num posto de saúde nas vizinhanças de Porto Alegre. Eu conversava com as pessoas e explicava certas coisas, por exemplo, como tratar uma diarreia infantil. Nunca tinha me ocorrido indagar se elas compreendiam o que eu estava dizendo, mas um dia perguntei a uma mulher: “A senhora entendeu o que tem de fazer com sua filha?” Ela disse: “Entendi”. Retruquei: “Então me diga com suas palavras o que a senhora entendeu”. Ela começou a chorar, porque na verdade não tinha entendido nada, mas sentia vergonha de dizer. A gente se dá conta dessas coisas dolorosamente, ao longo de muitos anos. (SCLIAR, <http://entrevistasbrasil.blogspot.com.br/2010/01/literatura-e-medicina.html>)

Os esforços de renovação das práticas pedagógicas em medicina têm provocado uma gradual, porém crescente aproximação dos universos da ciência e tecnologia ao universo das letras e artes, à medida em que os profissionais de saúde se reconhecem como praticantes de uma disciplina “humanística”. Cursos de “humanização” são cada vez mais propostos no âmbito da formação dos agentes de saúde, proporcionando aos estudiosos de literatura novas perspectivas de diálogo, investimento, reflexão e até mesmo de profissionalização. Da mesma forma, assistimos à formação de grupos de pesquisa interdisciplinares, à realização de congressos internacionais e à produção de publicações. Ressalto a importância do projeto *Medicina e Narrativa – (Con) textos e práticas interdisciplinares*, coordenado pela Prof^a Dr^a Isabel Fernandes, na Universidade de Lisboa, que vem promovendo intercâmbios e cursos proveitosos, mobilizando parcerias importantes e fomentando o diálogo entre as disciplinas da saúde e das letras.

Nos cursos que ministramos no PPGL/UFPE buscamos investir no estudo da teoria dos afetos, da narrativa autobiográfica e da escrita do trauma, e na análise de narrativas confessionais literárias e artísticas como forma de familiarizar os alunos do curso de Letras com a perspectiva das Humanidades Médicas, a fim de incentivar a realização de pesquisas que reflitam sobre a contribuição de escritores e artistas na superação do abismo entre ciência e tecnologia, literatura e arte.

Nesta revista, elencamos alguns resultados desta proposta. São dez estudos que se debruçam sobre uma variedade de autores e textos apontados pelos pesquisadores como importantes para a reflexão no âmbito do agenciamento dos afetos, da percepção do outro e da criação artística como narração da dor e do sofrimento. Amanda Brandão Araújo Moreno reflete sobre como a natureza e os afetos aparecem na obra do cubano Alejo Carpentier, contribuindo para a sua visão da América no romance *Os passos perdidos*; Luiz Roberto Leite Farias analisa representações do grotesco feminino e dos afetos no jogo de sedução do protagonista do conto “Donzela”, do dramaturgo pernambucano Hermilo Borba Filho; Dayane Rouse Fraga Lima tece considerações acerca das representações literárias do corpo, do amor e da morte na obra *Este é o meu corpo*, da portuguesa Filipa Melo, que envolve o diálogo entre um médico legista e o cadáver de uma mulher; Ermelinda Maria Araújo Ferreira aborda o confessionalismo narrativo na poesia da carioca Ana C. e na fotografia da americana Francesca Woodman; Fábio de Lima Amâncio analisa a novela “Domingo de Páscoa”, do pernambucano Osman Lins, interpretando a corporeidade heterotópica das personagens como “alegorias metanarrativas” que retomam as preocupações acerca da arte literária e de seus elementos; Flávio Emmanuel Pereira Gonzalez verifica como os romances *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, e *A peste*, de Albert Camus, através da temática da epidemia, podem ser lidos como tentativas deliberadas de tradução da necessidade do compromisso permanente com um verdadeiro humanismo; Georgia Alves explora alguns aspectos do conto “O Búfalo”, de Clarice Lispector, entendido como um relato de aprendizado de afetos ligado ao imaginário feminino; Jefferson Souza discute como a produção do contista sergipano Antonio Carlos Viana alinha-se à noção de realismo afetivo, dialogando tangencialmente com o cinema novo e com o cinema marginal da

década de 1960; Rafaella Cristina Alves Teotônio analisa a representação da condição humana nos relatos dos personagens em conflito com suas paixões no romance *A desumanização*, do português Valter Hugo Mãe; e Suelza Suzany Santos Campêlo discute as implicações dos afetos na moderna representação do crime na literatura policial inglesa, a partir do estudo da obra *Um assassino entre nós*, de Ruth Rendell, e de sua adaptação para o cinema, no filme *Mulheres diabólicas*, do cineasta francês Claude Chabrol.

Este número da *Intersemiose* – Revista Digital inclui, ainda, a tradução que Luiz Roberto Leite Farias fez do prefácio de Michael Hard, “Foreword: what affects are good for”, para o livro *The affective turn* – theorizing the social (Durkham and London: Duke University Press, 2007), organizado por Patricia Ticineto Clough e Jean Halley, finalizando este recorte das atividades do Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose (NELI/UFPE/CNPq) no período de 2014.2 e 2015.1.

A todos, os votos de uma boa leitura.

Recife, julho de 2015.

*Prof^a Dr^a Ermelinda Maria Araújo Ferreira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)*